



O Gaiato

5 DE NOVEMBRO DE 1964
ANO XXIII — N.º 591 — Preço

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO * FAÇO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Tribuna de Coimbra

O Nicolau foi o último a chegar. Tem sete anos bem nutridos. Loiro nos cabelos e rosado no rosto, aspecto de bonacheirão. Veio de trezentos quilómetros, quase rentinho à fronteira. Fui eu a recebê-lo.

Nunca tanto me magoei ao receber mais um filho. O Nicolau não queria ficar. Mesmo enganado, foi difícil de segurar: arranhou-me na cara; atirou-me os óculos ao chão com um pontapé; partiu vasos com plantas; arremessou-se muitas vezes ao chão; gritou tempo seguido: **quero ir à minha mãe.**

O Nicolau fez-nos rebenatar as lágrimas. Ele tem ra-

zão. Mesmo que não tenha ainda a voz do senso, ele tem a voz do sangue. O Nicolau tem Mãe. A Mãe do Nicolau ficou viúva há poucos meses, com três filhos nascidos e um ainda no ventre e sem recursos alguns para a subsistência dos cinco.

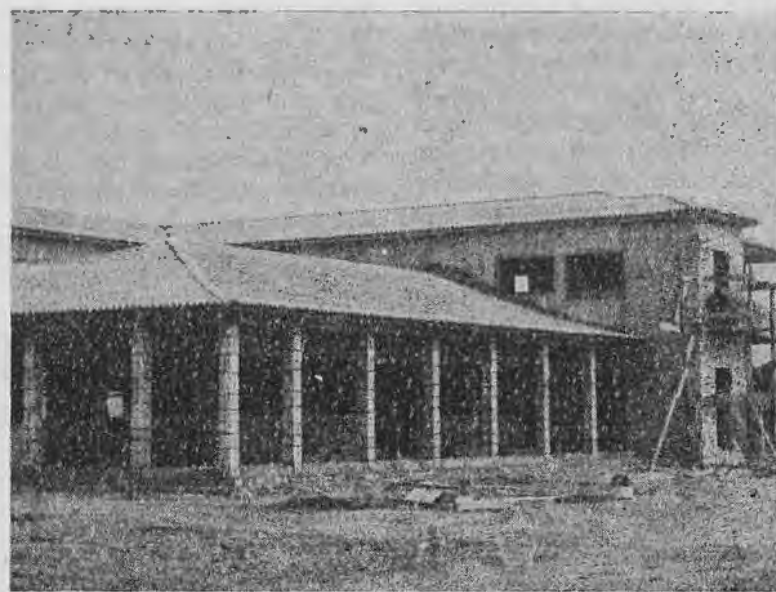
Nós recebemos o Nicolau; uma tia tomou conta duma irmãzita; um primo recolheu a Mãe e os dois filhinhos mais novos. Eis o drama duma família que vivia feliz, hoje destroçada, abandonando o lar que lhe era devido por justiça, a viver por caridade em casa alheia.

Ontem, no fim da escola, o chefe mandou os pequeni-

tos à azeitona. Fui encontrar o Nicolau a descalçar as botas e as meias. Pés mi-mosinhos. Recomendei-lhe que se não descalçasse. Nicolau fitou-me e sorriu-se. À noite, na recitação do terço que fazemos a passear num dos recreios, o Nicolau andou sempre agarrado a mim, a rezar alto, fazendo coro com os mais novos.

O terço de ontem foi um cantar angélico do Nicolau. Pedi ao Senhor e à Mãe do Céu que me ajudem a ser pai e mãe. O Nicolau não há-de gritar mais como no primeiro dia.

Padre Horácio



UMA PERSPECTIVA DA «CASA-MÃE» DE BENGUELA, EM VELOZ RITMO DE CONSTRUÇÃO.



CALVARIO

Fito tantas vezes o Zézito! Ele vai em cinco anos alegre. É paralítico e hidrocéfalo. Vive sentado numa pequena cadeira o dia todo, os dias todos. Fala claramente. Quer saber tudo. Mas ignora ainda que é um incurável. Ao lado a Aida. Anda na casa dos onze. Tem as pernas em arco. E uma cadeira: é igualmente a sua morada diária. Também não sabe por ora que é incurável, nem que a mãe a abandonou com meses e sumiu para não mais aparecer. Tantas vezes fito estes dois inocentes e escuto seu tagarelar feliz! São dois incuráveis, que não recuperáveis totais. A recuperação, porém, afigura-se-me coisa utópica entre nós, os pobres. Seria preciso sair fronteira com bolsa nas mãos, ou então possuir fortuna, pois ouvi dizer que nas cercanias da capital a cem contos por ano aceitam doentes recuperáveis para tratamento. Mas quê? Cem contos por cabeça, é coisa impossível em casa de pobres, onde tanto filhos carecem do mesmo benefício. Se aquele imóvel estivesse no Porto, eu tentava o caminho, que aqui conheço melhor a calçadas. Na capital não, que escorregam e são sinuosas em demasia.

Que poderão os Pobres em prol de seus filhos? Tu, que

o não és, ou não os tens, não imaginas a dor de os ter em fermos sem lobrigar a libertação do mal que os machucou! Mas o mal é sempre mesmo — o pecado — esse só Cristo é potente para o tirar do mundo.

Tuas dádivas, que com tanto amor aqui depões, são paliativo com que vamos amenizando os dias humanamente pouco sádios deste doentes. Não te canses de dar que nós não paramos também em ir por eles, teras em fora, onde eles moram.

Portuense qualquer com quarenta escudos logo no
Continua na terceira página

Aqui, LISBOA

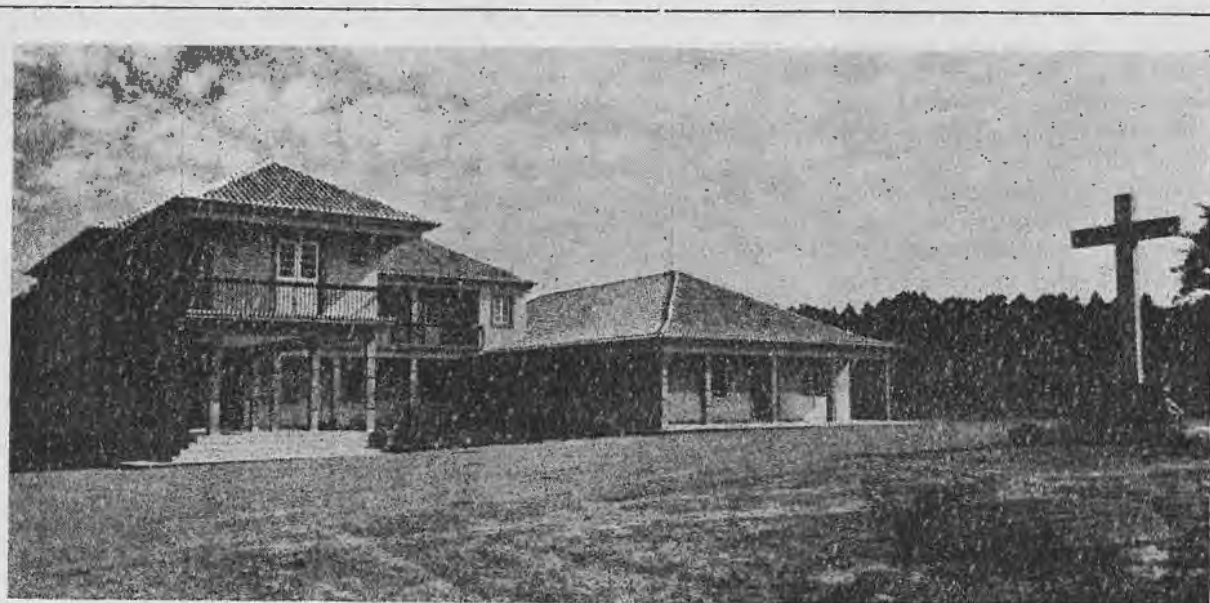
As escolas foram inauguradas, como se previra, no dia 23 de Outubro. Tudo muito simples. Após a Missa da comunidade, sem alardes nem barulho, procedemos à benção do edifício. Duas palavras a sublinhar o acto e a agradecer a Deus o «milagre» da edificação do primeiro elemento da nova Aldeia do Tojal, construído com o trabalho dos Rapazes e o auxílio do Povo anónimo. Presentes no nosso espírito todos os que, de qualquer modo, nos ajudaram.

Acabadas as férias vamos recomeçar nestas colunas a campanha da «Nova Aldeia». Que não pararemos até conseguir o objectivo final não tenha ninguém dúvidas. A implantação das novas

pocilgas e abertura dos respectivos caboucos são já uma realidade e testemunham a nossa vontade de prosseguir. As velhas e obsoletas instalações dos porcos, no plano de urbanização projectado, irão ser substituídas por outras, amplas e higiénicas, seguindo os melhores moldes da técnica pecuária. Abrangendo os terrenos devolutos, depois, e ocupando vasta área, surgirão um dia, se Deus quiser, modernas oficinas-escolas para os nossos Rapazes.

Perguntam-nos em certo papel qual o orçamento e as fontes de receita para levarmos avante o nosso plano. Antecipando a resposta parti-

Continua na página DOIS



OLHEM COMO É BONITA A «CASA-MÃE» DE MALANJE!

Agu Lisboa

Continuação da primeira pág.

cular, queremos afirmar, alto e claro, que nas obras de Deus, salvo uma certa prudência atinente a todas as actividades cristãs, não há orçamentos nem contas. Dá-se como certo o incerto; crê-se no impossível — e a Providência responde infalivelmente. O edifício inaugurado, como decerto tudo aquilo que Pai Américo levou a cabo, são provas irrefragáveis do que afirmamos. O trabalho dos Rapazes, do mais pequenino ao maior, se não permite muitas pressas, é, por outro lado, a garantia de que devagar se vai ao longe, supervalORIZANDO os donativos que os nossos Amigos nos fazem chegar às mãos. Os critérios do mundo e os seus cálculos não têm aqui lugar.

Renovamos o apelo feito nesta secção, no começo das férias, para a obtenção de fundos. O pouco multiplicado é muito. A época de veraneio está findada e cada um regressou já ao seu habitual posto. Por si, mobilizando as suas energias e boa vontade, arrastando outros mais distraídos ou menos atentos, no escritório ou nas fábricas, no círculo familiar ou entre os amigos, surgirão os auxílios necessários. Nós seremos apenas meros instrumentos da generosidade de

todos, numa obra que é colectiva, a bem dos jovens que nos estão entregues, filhos de Deus e com direito ao nosso cuidado e desvelo.

No dia em que escrevemos estas linhas, ao visitarmos o local onde trabalhámos mais de uma dezena de anos, tivemos a dita de recebermos vultosa quantia para a edificação da Aldeia e com promessa de mais. Para lá do nosso bem haja, que queremos deixar expresso neste lugar, apresentamos o exemplo de como é possível, com a entreadjuada de muitos, às vezes tão sobrevalorados, conseguir importância relativamente elevada para as nossas obras. E o desânimo é palavra abolida entre nós, creio de dentro e de fora.

É chegado o tempo frio e chuvoso. As necessidades de calçado aumentam. Manda-nos os sapatos velhos de teus filhos ou aqueles que já lhes não servem. Precisamos, em especial, de calçado para crianças entre os 4 e os 12 anos. Não esqueças este pedido. «O que está parado não rende» e até pode deteriorar-se. Fala também aos ouvidos dos teus vizinhos ou amigos. Obrigado.

Padre Luiz

Afinal, o meu último apelo a favor do nosso Irmão Chefe de família e aleijado das duas pernas, a quem é preciso compor a casa, teve pouca repercussão nos vossos corações.

Apenas 6 pessoas corresponderam na medida das suas possibilidades. Um senhor das Minas da Panasqueira diz assim: «Envio 50\$00 para ajudar à casa do chefe de família; desculpem ser pouco, mas o Senhor, enviará mais por outros que não esqueçam as dores alheias». Mais 20\$00 de uma senhora, que lança esta ideia: «Se todos os leitores de o Gaiato (e são tantos) dessem o mesmo, teria até, para compor mais que uma casa». E é verdade! Mãos à obra senhores leitores. Quem é que não pode economizar 20\$00 por mês?! Gastar-se tanto tão inútilmente! Eu não quero desanimar, mas sem a vossa ajuda nada



posso. Continuarei a pedir a Deus para que abençoe a vossa generosidade, e que seja abundante. Os 100\$00 que todos os meses vêm com destino a agasalhos para o Calvário, têm sido recebidos e não nos esquecemos das orações pedidas, assim o Senhor as atenda. Graças a Deus que nos vão já pedindo os nossos trabalhos. Para Perozelo, foram 3 pares de soquetes. Um tapete para a

Póvoa do Lanhoso. Coimbra — 2 casacos, 2 pares de luvas, e 2 toucas. Lundões — 1 chale. Praia do Carvoeiro — 1 pijama para criança. Valboa — 21 camisolas de criança. Ilhavo — 2 casacos de malha e um chale. Casais dos Penedos — 6 pijamas e 6 aventais. Uma Senhora de Lisboa, que teve a amabilidade de nos visitar, levou para os seus protegidos, 21 camisolas, 1 chale e 1 cobertor, e já fez outra encomenda, que está em execução. Para São Pedro do Sul, foram várias peças para o enxoval de uma noiva. Porto — 1 chale. Ilhavo — mais 1 cobertor. S. João da Pesqueira — uma tapete para uma Igreja; agradeceu plenamente tanto o trabalho como o desenho. Lisboa — 2 mantas; «ficamos encantados com o trabalho, e vamos fazer propaganda das vossas obras». Isso é que é bom!

Maria Augusta.

Respostas ao postal-aviso

As cartas continuam, ainda, a ser um manancial precioso! Saboreemos a primeira:

«Meus bons Amigos: Quando recebi os livros acompanhados do cartãozinho que dizia — «paga como e quando puder» — fiquei impressionada com a vossa generosidade assim como o meu marido que me disse que se haviam de pagar o mais breve possível. Ainda li só 2, e já verifiquei que não me é possível pagá-los. Eles por si só são um curso, mas um curso superior

de caridade e amor do próximo. Ora eu, pobre criatura, nunca tive dinheiro para ir além da 4.ª classe. Já não sou criança e a

apontados por Pai Américo, confesso que sinto remorsos de ver em minha casa tantas roupas e outras coisas que já não usamos e que nunca procurámos saber onde haveria quem precisasse delas.

Junto esta importância de 100\$00 para o papel dos livros.

da NOSSA EDITORIAL

saúde não é muita mas é sempre tempo de aprender. Embora convencida de que já não existem casos tão dramáticos como os

Que Deus abençoe os meus filhos e netos para que nunca se afastem das Verdades Eternas.

Manda a verdade esclarecer que, infelizmente, ainda existem «casos tão dramáticos como os apontados por Pai Américo». O mundo engana... Não podemos ludibriar-nos com aparências! O Porto é tamanho!... Olhe o Barredo...! E mais.

Agora, notícias do Barreiro:

«Que a paz do Senhor esteja com todos vós.

Já devia ter escrito há mais tempo pois recebi o pequeno grande livro — OBRA DA RUA — e sei que era meu dever ter logo acusado a recepção.

Envio esta pequena quantia em troca da grande lição que de se tira; era bom que eu tivesse um bocadinho da alma igual à do Pai Américo mas não tenho. Peço sempre a Deus que tenha pena de mim e dos meus e que nos ajude a entrar no caminho da luz e da verdade — é o que do coração peço a Jesus Cristo».

A linguagem de um Cristão é clara como o sol!

Atenção a Lisboa:

«Sou funcionário público; ganhava 4.000\$ por mês e em Setembro comecei a receber 4.800\$00. Em cumprimento de uma promessa, dou aos Pobres os 800\$ deste primeiro aumento e contudo para a exemplar Obra da Rua, que eu tanto admiro, vão somente 150\$. Isto sucede porque há por todos os lados pessoas necessitadas a quem eu não quis deixar de prestar também um pequeno auxílio.

Padre Duarte Continua na QUARTA página.

Lar Operário em Lamego

Hoje vou falar dos nossos rapazes. São eles o motivo da obra. Dos que entraram no princípio já alguns abandonaram o Lar. Só um foi sem ter aproveitado. Desejava ser carpinteiro e, tanto ele como os pais, julgavam que era chegar, ver e vencer. Passadas umas semanas vieram dizer que lhes fazia falta em casa, pois já ia ganhando alguma coisa.

Podíamos aqui fazer um ponto de doutrina e constatar que os pais geralmente se satisficam até ao fim, sem poderem tirar dos filhos um lucro imediato à instrução primária. Não queremos com isto fazer juízos da boa ou má atitude dos pais do Ismael e somente relatamos o facto.

O Fernando foi embora por falta de saúde. Ainda o fomos levar a um Hospital de Coimbra, mas chegámos à conclusão de que não podia viver em comunidade. As brineadeiras

dos companheiros, ou qualquer ideia mais dominante, faziam-lhe alterar a pacatez habitual e a sua boa educação.

O Baltazar, quando chegou, já sabia alguma coisa de barbeiro. Depois dumhas semanas de aperfeiçoamento deu a aprendizagem como terminada e foi trabalhar por conta própria. Este é um dos casos previstos pela obra para ajudar o rapaz mesmo depois de abandonar o Lar. A nossa primeira ideia era que eles voltassem às suas terras quando tivessem aprendido um ofício ou uma arte e aí a exercessem. Tencionamos até ajudá-los a montar a oficina e a adquirir os utensílios de trabalho. Ainda é cedo para emitir um juízo e dizer se conseguimos ou não aquele desejo, mas começamos a antever que é bastante difícil convencer os rapazes a regressarem ao meio donde vieram. O Baltazar regressou e é

nossa vontade estar com ele.

O Carlos também desejou ser barbeiro. Desde Janeiro que frequenta a respectiva escola, sem grande aproveitamento. Conseguimos-lhe agora um lugar onde trabalha da parte da manhã ganhando alguma coisa, e de tarde continua a frequentar a barbearia que serve de escola. Deixou de comer e dormir no Lar, ficando assim a possibilidade de receber mais um rapaz. O que se passou com o Carlos trouxe uma série de benefícios, e mais uma vez se verificou que a missão do Lar não é só dar de comer e dormir, mas ir até onde for possível no campo do bem fazer. É nosso lema estudar todos os problemas que digam respeito aos rapazes e aproveitar todas as oportunidades de multiplicar a acção beneficente da obra. O Carlos ficou a ganhar, come e dorme onde trabalha, continua a sua aprendizagem e deu lugar a outro que já está a aprender a alfaiate.

E hoje só falamos dos que saíram do Lar nos primeiros 6 ou 7 meses de funcionamento. Estamos convencidos de que, para além dos benefícios materiais que lhes foram dis-

pensados, levaram consigo alguma coisa de maior valor. Há dias ao passar por uma terra, notámos que na estrada um rapaz nos disse adeus de maneira desusada: muito sorridente e com gestos muito expressivos de carinho e amizade. O rosto não era desconhecido, mas naquele instante não conseguimos identificá-lo. Uns metros adiante, e porque a impressão causada pela atitude do rapaz nos obrigou a um maior esforço de identificação, reconhecemos que era o que esteve conosco apenas umas semanas. Guardava ainda no seu coração a bondade que lhe dispensara o Lar.

Foi também muito consoladora a expressão do Carlos quando lhe propuz a saída do Lar. No meio de algumas perguntas e respostas disse-nos: — E eu aos domingos posso ir ao Lar e encontrar-me com os meus companheiros? Gostei da pergunta e disse logo que sim. Com estas pequeninas coisas ficamos compensados do interesse e esforço dispendido a favor dos rapazes e nem sequer damos conta do trabalho que a obra nos possa trazer.





Continuação da primeira pág.

começo de todos os meses. Já lhe conhecemos a letra. Celeste do Porto com cem. M. Amélia com outro tanto. Lídia, do Banco de Portugal, não se cansa de enviar mensalmente quatro notas a estrear. Idalina com cinquenta. Alguém que teima em se ocultar com uma oferta. Visitas com cem, com metade e com migalhas. Mãe com cinco notas. Trabalhador com o aumento de ordenado. Admirador da Obra com cinquenta. Adriano com o dobro. No Lar de Lisboa cem. No de Coimbra metade. Humilde portuense diz que enquanto for viva não pára de tornar, se Deus lhe permitir. Amigo com vinte. Julieta com cem. Doente para doentes com vinte. De Aleobaça todos os meses nos chegam cinquenta escudos às vezes acrescidos. Isaura com trezentos. M. de Lourdes, de Bragança com mil — fruto de sessenta dias de vencimento. Beatriz, aos 86 anos vem com roupa completa para uma cama. M. Clementina com cinquenta. Alguém de Matosinhos com o dobro. E um amigo com mil.

O avô está aqui a contar os meses do seu querido neto. Ana com vinte. M. Luiza com outro tanto. Laurinda com cinquenta. Professora das Caldas da Rainha com cem. Pais felizes por lhes ter nascido são um filho vêm com uma oblata. Maria do Resgate com quinhentos. Por alma de Victor Luís o dobro, e muita roupa em ótimo estado. A. Fernandes com três notas. Emília Couceiro com seis. Mais visitas. M. J. de Espinho com cinquenta. Mais um ano e cá está o Zé Ninguém com cinquenta. Senhores do Porto com mil. Albertina de Lisboa com metade. Beatriz de Coimbra com cem. E alguém de Lisboa com outro tanto. M. Amélia de Chaves com cinquenta. Mais outra Oferta. Maria Dourado com um rádio novo e quinhentos. Pecadora, que de Deus espera protecção, duzentos. Lucília com vinte. Amigo do Porto com três filhos ao lado deixa duzentos e cinquenta. Da Escola Josefa d'Óbidos a presença anual tão amiga. É cotização dos mestres. Alguém pede a conversão dos pais. Casal de Valbom com cinco mil. Não deixaram rasto. Tanto melhor, para eles. J. Guimarães com mil. Antonieta esteja descansada que registamos sua presença sem interrupção. M. Júlia com cinquenta. Alguém pede orações. Isaura, de Faniqueira, com duzentos e cinquenta. O Liceu Rainha Santa colhe nesta o exemplo de amar

os Pobres. Este ano deixaram 3.675\$. Mavilde com cem. Bispo amigo quinhentos. Estou-tros quinhentos vêm acompanhados de legenda: «Para celebrar 43 anos de casados a que há onze anos tem vindo todos os meses com cem escudos e se assina humilde portuense». Tudo tão certo. Nem sei que mais. A alegria deste casal. A comunhão nas necessidades alheias. A discreção. A humildade. A paga do Senhor.

Irmãs Doroteias com a Madre Superiora na vanguarda vêm carregadas de doces e deixam mil.

Maria Elvira está aqui com dois mil e caixa de roupa momentos antes de entrar na sala onde vai ser operada. É um seguro de vida que veio fazer. Ernest Oswald com cinquenta. M. O. com o dobro. Pra nossos Pobres quinhentos. Estudantes com quarenta. Médica de Lisboa com cento e vinte. Médica do Porto com quinhentos. É anestesista e promete ajudar-nos. Mãe de Lisboa vem com três mil. Umbelina, do Porto, com quinhentos e doces.

Pároco com três notas. Irmãs religiosas com uma. Alguém com um donativo a rondar os quinhentos. Outro com sessenta. Apaixonada da Obra com outro tanto. Mais um aumento de ordenado. Esta senhora antes de partir para férias veio com cem. Leitora do «Diário Popular» com a mesma quantia.

Doente de Amarante com mil. E pedindo orações cinquenta. No Montepio, em Lisboa entraram amigos com recados para o Calvário. Ele assinantes. Uma portuense. Pessoal do Banco de Portugal. E. Esteves. M. D. L. N. Uma viúva. V. M. C. Um peador. Elvira. Cândida. E. C.

A Oferta torna, e duplicada em Agosto. M. Emília, de Guimarães com cem. De Garção metade. Portuense qualquer torna. Isaura também. Esmeralda, leitora do D. Popular vem radiante com quinhentos. Carolina Esteves, do Luso, com outro tanto e muitas peças de roupa bem como doces. P. Horácio com mil trazidos de S. Martinho, metade de Coimbra e duas notas de cem que trouxe de Mira. Muitos escudos me mandam por este santo! Bem hajam. Carminda vinte. Anónima com outro tanto. No Lar do Porto mil e roupas. Regina, promovida a terceiro oficial, vem com o aumento da promoção. Deus lhe pague. M. do Resgate com duzentos. P. Acílio com trezentos e cinquenta. E o avô vai contando muito feliz os meses do seu neto. Vai em cinco anos e nove meses. Deus o guarde.

Padre Baptista



Sem grande sacrifício dos Auto-Construtores e dos seus amigos não poderá haver Auto-Construção. Os pobres e es-remediados têm de construir as suas próprias casas, se as quiserem possuir. Para compreender isto, é preciso ter ideias, quanto possível claras, do que se trata. Quem alguma vez construir ou mandar construir uma casa, compreenderá o que se vai dizer. As outras pessoas, mais provavelmente, não compreenderão. Este movimento deseja ajudar rapazes ou homens, de preferência recentemente casados, para assim, reunidos em grupos e ajudando-se uns aos outros, construírem tantas casas quantos eles forem. Se alguém do grupo não for operário de construção, dará o dinheiro correspondente. Todas estas casas têm de ser segundo projectos de técnicos competentes e deverão poder servir para nelas viverem, decentemente, famílias numerosas. Para tal quanto trabalho e quanto dinheiro! É que não se trata de fazer uma casita para dar a um pobre. Trata-se, sim, da construção de umas dezenas, de umas centenas, ou de milhares de vivendas sólidas, bem construídas e espaçosas. Isto exige muitíssimas horas de trabalho e muitíssimo dinheiro. Quem dará o trabalho? Os Auto-Construtores que estejam dispostos a sacrificarem-se a valer (mas a valer) para num futuro muito

próximo, virem a possuir as suas casas. Ou muitos jovens portugueses se resolvem a enveredar por este caminho difícil, mas de efeitos positivos, seguros: ou muitíssimas famílias portuguesas continuarão a viver em locais que, de maneira alguma, se podem chamar casas. E todos nós nos lembramos que o Estado, não pode — nem deve — resolver todos estes problemas particulares dos cidadãos. Temos de apelar para o sacrifício, para a economia e para o trabalho dos pobres. E o dinheiro? Quem dará o dinheiro. Também os próprios Auto-Construtores; mas, nas actuais circunstâncias, e talvez ainda mais nas futuras, para que um grande número de Auto-Construtores possa construir as suas casas é preciso o sacrifício generoso de umas tantas pessoas que queiram ser amigas de Auto-Construção. De uma maneira ou de outra maneira: por uma forma ou de outra forma. Bem era que no movimento actual, no futuro todas as famílias pudessem, se por si mesmas, sem auxílios estranhos, construir as suas próprias habitações. Mas, infelizmente, não é o caso presente, nem certamente, será o caso no futuro. Daí o exercício da Caridade que não acabará.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Do que nós necessitamos

Abre esta coluna, com uma carta de Coimbra, pequenina, mas digna de relevo, por se tratar de um jovem. É que são tão raros os que ligam a estas coisas!...

E aí vai ela:

«Serve esta carta unicamente para vos remeter um modestíssimo contributo de 50\$00 e para vos expressar toda a admiração que pela vossa Obra sente

Um estudante de Direito».

Bem haja, Amigo, e que o Senhor o acompanhe pela vida fora. E um pacote de roupas de Oeiras. 1.000\$ de Anónima. Os 100\$ mensais de Lisboa-1. «Pobre Pecadora» com 100\$. Os habituais 75\$ em selos de correio, de Amadora. A presença sempre grata da Avó de Moscavide. Mais os 100\$ do costume de Rio Tinto. Medicamentos e roupas da Capital. 50\$ de 2 casais franceses. E

1.000\$ de Lisboa, com o pedido de orações.

Avintes com 20\$. Mais 100\$ de Lisboa. Vale postal no valor de 100\$. Idem de Gaia. Mais 50\$, 40\$ e 20\$ de algures. Dum primeiro ordenado, 200\$. Vestuário de Lisboa. Fatos muito bons de Coimbra. Camisas, calções e sapatos do Porto. 20\$ de Oliveira de Azeméis. De «uns noivos», 200\$. Do Grupo Recreativo e Excursionista «As Aves», 13\$ de saldo do seu passeio anual. Mais 500\$ de S. João da Madeira, do ass. 5615.

Um cheque de 1.195\$ de Eduardo e Fernanda. O Senhor vos ajude. Mais 50\$ do Porto. António, presente como sempre. Das operárias da secção montagem de metais da Empresa Electo Cerâmica, de Gaia, 100\$. Por alma de José e Carolina, 50\$. Aveiro com 200\$. De uma graça concedida, 749\$. Bonés e fardas usadas da «Confidante». Dos noivos do «Macau», no dia do seu casamento, 200\$. E muitas graças de Deus no vosso Lar.

«Portuense Maria» com 100\$, pedindo uma Avé-Maria para o seu bebé. Roupas de um jovem militar, em defesa da Pátria em Angola. O silêncio de sempre da R. da Madalena com os 20\$ mensais. 20\$ do Porto. E 90\$ de Serpins. Anónimo do Doudo — Angola, com 300 angolares, em sufrágio de sua amada esposa. L. R. com 200\$ pró Barredo. Anónimo com 1.000\$, no aniversário da morte de seu Pai. J. D. com 100\$. Para a maior necessidade, 300\$. De alguém, 170\$. Dos empregados da Chá Montualesse, a oferta de 1.030\$.

Um dollar canadiano, de Montreal, com uma significativa legenda: «Obra de Deus — para os Pobres». Uma assinante com 100\$, por alma de sua Mãe.

Duas caixas de lindas e boas gravatas, da Zureal. Duas anónimas com 150\$. Desta localidade de Paço de Sousa, 90\$ por uma graça recebida. E os 40\$ mensais do Sr. Manuel da Rua d. Corticeira que, graças a Deus vai tendo trabalho. E 20\$ do F. T. F., de Águeda.

Mais 200\$ de alguém da Capital, com a seguinte missiva:

«Junto 200\$ com destino às «Casas do Gaiato» de Benguela e Malanje, pois sei que ainda têm um longo caminho a percorrer.

Estive uns dias em Angola, dos quais um no Lobito e fiquei a admirar a compostura do «Gaiato» que vendia o jornal nas ruas daquela cidade».

Muitas das ofertas que aqui vêm, leitor amigo, são de todos os meses e são ainda fruto do vosso amor por esta Obra de Deus.

Obrigado. E até à próxima.

Manuel Pinto

Visado pela Comissão de Censura



PELAS CASAS DO GAIATO

BELÉM

* **ABÓBORAS** — Na nossa quinta costumamos semear duas qualidades de abóboras: porqueras e meninas. Tivemos bastantes. Parece que na nossa quinta se dão melhor as abóboras meninas. Talvez seja por esta casa ser de meninas. A maior parte delas já se colheu, porque veio muita chuva e depois apodreciam. Trouxemos-as para debaixo da varanda, e algumas para dentro da adega. Algumas eram tão grandes que nós não podíamos com elas, teve de ir o Sr. José buscá-las.

Nós gostamos muito de comer sopa de abóbora, com feijão e cebola. Também é boa em caldo de farinha.

LINDITA

* **FEIJÃO** — Este ano semeámos bastante feijão, mas a maior parte foi atacado pelo piolho; o que aproveitou melhor foi o feijão frade. Fomos colhendo as vagens conforme iam amadurecendo, para se aproveitar melhor, já que era pouco.

Depois veio a chuva e andámos a aproveitar o último para a sopa. Onde o debulhámos foi no lagar, e nós em vez de debulharmos punhamo-nos na brincadeira e depois era preciso a nossa Mãe marcar tarefa, senão não fazíamos nada. No outro ano o feijão frade foi mais hichoso do que este ano. Nós gostamos muito de comer feijão, mas debulhá-lo é que é o pior!

Enquanto as mais crescidas apanhavam o milho, eu e as quatro da escola apanhávamos o feijão. Primeiro debulhámos o feijão e depois o milho. Agora só falta acabar de o secar, que veio a chuva.

JINHA

SETÚBAL

* **ARROZ** — A faina do arroz já começou e com ela vieram os trabalhos extenuantes desde manhã até à noite.

Sempre que o tempo o permite ela dura cerca de três a quatro semanas. É um trabalho constante. É um misto de preocupações e alegrias, de saudades e alentos.

Na generalidade os rapazes trabalham com afinco porque sabem que é para bem de toda a comunidade, o trabalho que rendem. É o arroz que paga os nossos débitos e nos facilita ainda resolver certos problemas, não só económicos e financeiros, mas também morais e sociais.

Como é bom saborear o produto do nosso trabalho! Que bom é verificar que a nossa cooperação é em benefício de uma comunidade de cerca de cento e quarenta pessoas!

Os rapazes exaltam-se, rebelam-se e refilam contra tudo e todos os que os rodeiam; mas isso é o resultado dum fadiga. Também quando essa fadiga acaba, há alegria e entusiasmo. Eu recordo ainda há uns anos que um grupo de miúdos gritava no dia em que o arroz acabou: — «Até que enfim que o arroz acabou! Logo à noite há arroz doce!». O que é isto? É, nada mais nada menos que o resíduo dum trabalho duro, a alegria íntima.

Dizia um filósofo: — «Sem alguém que se esforce não há esforço e sem esforço não há nada». É necessário meditar nestas realidades profundas.

* **FUTEBOL** — A nossa equipa está em forma e em plena disposição para encarar a sério qualquer problema que lhe surja. No entanto surgiu um problema e que nós não conseguimos resolver. Poderão os leitores resolver?

Temos equipa para que nos possamos bater com galhardia diante de qualquer clube da cidade e arredores. Se há qualquer equipa que se queira defrontar connosco, nós estamos dispostos para isso.

Temos um equipamento magnífico (encarnado e branco) que nos foi oferecido amavelmente pela Garagem Bocage. Queremos agradecer esse grande favor que nos prestaram. Há uma grande falta de botas e este é o problema que acima citámos como impossível de resolvermos. Se há alguém com grande abundância delas, nós agradecemos o favor de nos-las enviarem porque temos grande necessidade. Aqui fica o pedido.

* **ELEIÇÕES** — Houve, cá em Casa, eleições para escolher o chefe maior em virtude do último ter ido estudar e desse modo ser-lhe impossível exercer tais funções.

Apresentaram-se cinco candidatos (Zé António, Rouxinol, Botelho, César e Cereja) seleccionados, dentre todos, na reunião de chefes. Foi à noite a eleição. Sr. Padre Acílio fez a abertura com um breve comentário sobre a seriedade, o elemento basililar, na formação de um homem recto e que é essencial numa cerimónia tão importante como foi aquela, na vida das Casas do Gaiato.

Após isto, procedeu-se à votação. Foram eleitores todos aqueles que tinham mais de 14 anos e a quarta classe. Apuradas minuciosamente as votações, ficaram distribuídas da seguinte maneira:

- Rouxinol, 35 votos
- Botelho, 8 votos
- Zé António, 1 voto
- César, 0 votos
- Cereja, 5 votos.

Ficaram portanto em chefe maior, Rouxinol com a larga vantagem de 27 votos sobre o sub-chefe, Botelho. No entanto há certas complicações sobre o problema do sub-chefe, visto este estar continuamente ausente de Casa e por isso de momento não se sabe dizer ao certo se haverá dois sub-chefes ou apenas um, e quem serão.

Parabéns, portanto, ao Rouxinol que é o nosso chefe maior eleito por larga maioria.

Rogério



MAIS UM CASAMENTO, NA CAPELA DA NOSSA ALDEIA DE PAÇO DE SOUSA: O ALBERTO DE ALMEIDA E MARIA DE LOURDES.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia



Morreu a Senhora Felícia. Habitava uma das belas moradias do Património dos Pobres, no lugar de Cadeade. Era viúva. E tinha, apenas, um filho já casado, prós lados de Rebordosa. Antes da hora final, foi confortada com os sacramentos da Mãe Igreja. E finou em Paz!

Em seus derradeiros dias — como vivia só — assistiram-na vizinhas e vizentinas. Uma destas acompanhou-a, mesmo, até ao fim: «Assisti à morte da Senhora Felícia!»

Está no seio de Abraão. Mais uma a pedir ao Senhor por todos nós. Para nos dar alento e, sobretudo, força para trilharmos sempre a vida de acordo com a Vontade do Pai que está no Céu.

A mulher do pobre varredor, já aqui falado, apareceu triste como a noite! Arranjou lenha, por suas mãos. Uma carrada! Ora se do monte a casa é uma caminhada, procurou — e muito bem — lavradores que se dispusessem a emprestar um carro e uma junta de bois. Sofreu negativas! Espinhos que ardem e ferem. A cruz dos Pobres.

Indagámos, porém, a causa. — Sabe, quando a gente não precisava todas as portas se abriam... Agora...!

E as lágrimas corriam pela face. Uma vez por outra era um sorriso desfeito. Os Pobres são mestres!...

Ninguém pode avaliar quanto lhe custou ser obrigada a vir até nós pelo carro.

— Quando o vi aparecer apeteceu-me fugir! Tenho vergonha...

Não fugiu. E foi servida, graças ao nosso Padre José Maria que lhe

dispensou carro e bois, da nossa quinta.

O QUE RECEBEMOS — Hoje já é uma farturinha, graças a Deus!

Temos 40\$00 do ass. 15595, do Arieiro — Coimbra. O mesmo da ass.

17022, sempre na vanguarda. Idem, de A. F., também na vanguarda, com suas cotas de Setembro e Outubro. «Por uma graça recebida» 50\$00 de «Uma admiradora dessa grande Obra». Mais 20\$00 de Lourenço Marques — a princesa do Indico! — pela mão de uma funcionária dos C. T. T. U.. O mesmo da ass. 17740 que traz sempre os nossos Pobres em seu pensa-

mento e acção. Mais 250\$00 de um anónimo. Ainda mais um embrulho de roupas feitas, despachadas no Entroncamento, pedindo uma oração pela salvação de um pecador. E como os últimos são os primeiros aqui vão, também, 1.000\$00 de outro anónimo de Coimbra. Por tudo demos graças ao Senhor.

Júlio Mendes

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Continuação da Segunda pág.

Tenho pena de não vos poder dar mais, mas não tenho pena dos Padres, auxiliares e sucessores do santo Pai Américo, e dos muitos que a eles devem a sua salvação terrena e eterna, porque a todos Jesus Cristo tem protegido e continuará a proteger como merecem, devido ao facto de nas Casas do Gaiato, nas Belenitas, na Calvário, no Património dos Pobres, etc., reinarem conjuntamente a Verdade, a Justiça, a autêntica Caridade e a construtiva Liberdade, quando no Mundo não diminuem e nalguns casos até aumentam a maldade e a estupidéz nas suas diversas formas: mentiras, injustiças, facciosismos, ódios, convenções que dificultam o bem (como as burocracias) e convenções que facilitam a mal (como as minissaias, bikinis e outras modas indecentes), etc., etc.»

Não se poderia dizer tanto em tão pouco. Que síntese feliz! As almas quando ardem em Cristo, incendeiam. E a seara cresce!

Demos um salto a Cantanhede. Também ali, a Palavra do Senhor, pela mão carismada de Pai Américo, levanta poeira:

«Após 3 meses ter recebido a joia de incalculável valor espiritual que é o livro «Obra da Rua», venho hoje enviar esta pequena importância em troca de tanta riqueza. Tenho o prazer e a alegria de possuir todas as outras edições, e peço sempre que tenham novas edições voltem a mandar-mas.

Peço desculpa de, só agora vir satisfazer esta dívida, mas estive com meu marido internada numa clínica dois meses em Coimbra, donde só há poucos dias, e por tal motivo atrasei-me.

Tive tempo de ler e reler melhor aquele livro, e saborear aquele grande manjar que ele proporciona à nossa alma. Deus sabe quanto bem essa leitura nos faz!»

Ontem seguiu mais uma remessa de 200 livros para todo o país, ultramar e estrangeiro! A gente

sofre, às vezes, a tentação de calar o bico, supondo que maça. É uma tentação... O certo, porém, é que a nossa secretária enche-se, todas as quinzenas, de cartas espumantes como as transcritas acima.

Laurindo até fumegou, durante estes dias! Entusiasma-se com o movimento. E eu gosto assim. Saboreio em silêncio. Tanto que, ontem, muito lampeiro, chegou até mim com uma carta nas mãos. Os olhos riam! Era um assinante da Editorial que se lhe dirigiu, por livros; «rebuçado» que adozou a boca ao nosso ex-«Caixa d'Óculos». Não há dúvida que é indispensável um incentivo na formação de um Homem. Esse, o padrão que distingue o trabalho de Pai Américo: «Dê-se ao Rapaz a oportunidade de comer o pão com o suor do seu rosto»... Abençoada carta!

A meses de distância da remessa dos célebres postais-aviso pró correio, seria natural que a maior parte das presentes requisições fosse por carta. Mas não! O postalzinho anda na liça. Ainda há tantos, porém, engavetados!! Quando é que eles fogem ao bolor e à traça, quando?

Vamos lá desengavetar os ditos. E ter coragem de pregar com eles no correio. Basta colar um selo de \$20 em cada um. O resto é connosco.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE